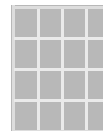


Quem manda na advocacia

Morais Leitão, PLMJ e Vieira de Almeida são as três sociedades de advogados com mais peso em Portugal. A estas juntam-se três espanholas — Garrigues, Cuatrecasas e Uría e Menéndez — e duas de outros países — Linklaters e CMS Rui Pena & Arnaut. €12



Quais são as sociedades de advogados que mais faturam? E12



Eles lideram a advocacia de negócios em Portugal

Existe um núcleo duro de sociedades que se mantêm na dianteira. Mas as mais pequenas já concorrem nas grandes operações. Os últimos anos têm sido de movimentações

Em equipa vencedora não se mexe. Certo? Nem sempre. No caso da advocacia em Portugal, que durante décadas se manteve quase intocável, com clientes que eram fiéis ao advogado X ou ao escritório Y, o cenário começou a mudar nos últimos anos. Com a entrada de firmas estrangeiras no país e, mais recentemente, com movimentações a que o sector ainda pouco tinha assistido.

Mas, apesar da opacidade em torno das faturações, por exemplo, existe uma concorrência no mercado em relação à forma como este está organizado, seja pela dimensão das sociedades, pelas operações em que participam, ou pelos prémios internacionais que arrecadam. Há três sociedades portuguesas que lideram — a Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (MLGTS), a PLMJ e a Vieira de Almeida (VdA); três espanholas — a Garrigues, a Cuatrecasas e a Uría e Menéndez; e duas estrangeiras — a Linklaters e a CMS Rui Pena & Arnaut.

Começando pelas portuguesas. Com base em dados da revista "Iberian Lawyer" (ver tabela), a MLGTS faturou €45 milhões em 2015, mais 13% do que em 2014. Sem revelar números, Nuno Galvão Teles, *managing partner* daquela sociedade, confirma que o crescimento tem sido constante em termos de faturação e número de advogados e que este ano "estamos a ter o melhor primeiro trimestre dos últimos cinco anos".

A PLMJ aparece em segundo lugar, com uma faturação de €39,2 milhões. Luís Pais Antunes, *managing partner* da sociedade, avança ao Expresso que nos últimos dois anos "o crescimento situou-se nos 10% em faturação recebida", percentagem que se manteve no primeiro trimestre deste ano.

Em terceiro surge a VdA, com uma faturação de €36,4 milhões. João Vieira de Almeida assume que este ano a firma está a ter o seu melhor primeiro trimestre de sempre.

A Abreu Advogados vem a seguir, com uma faturação de

DIMENSÃO À VISTA

MLGTS

Conta com 193 advogados, dos quais 34 sócios, 19 sócios contratados e 24 estagiários. Tem parcerias locais em Angola, Moçambique e Macau, e uma estratégia com o escritório brasileiro Mattos Filho, Marrey Jr. e Quiroga Advogados. Participou em operações como o aumento de capital do BCP com a entrada da Fosun ou a OPA da EDP sobre a EDP Renováveis.

PLMJ

Tem 281 advogados, 55 sócios e está presente em mais de 10 países. Em 2016, assessorou mais de 60 operações de fusões, aquisições e private equity num volume global superior a €3.250 milhões, com destaque para a compra da Ascendi pela Ardian. Na área financeira e de mercados de capitais representou clientes em operações com um valor superior a €6 mil milhões.

VdA

Constituída por 243 advogados, incluindo 41 sócios, tem clientes como o Banco de Portugal, a Unitel, a Exxon Mobil a Parpública ou a Brisa. Tem jurisdições em 11 países e está presente na África Francófona, Portuguesa e em Timor-Leste.

€24 milhões em 2015. Tem 210 advogados, incluindo 28 sócios, e está em Angola, Brasil, Cabo Verde, China, França, Irão, Moçambique e Timor-Leste. "Triplicámos o nosso negócio em 10 anos, faturando cerca de €25 milhões nos últimos dois a três anos", contabiliza Duarte de Athayde, *managing partner*.

Garrigues lidera espanholas

Entre as sociedades espanholas, a Garrigues ocupa a primeira posição na tabela, com

uma faturação global de €339 milhões em 2015. Já em 2016, segundo dados avançados pela própria firma, faturou €349,4 milhões. Tem 2000 profissionais em 12 países. O escritório em Portugal foi criado há 10 anos e "é o mais representativo da rede em termos de antiguidade e faturação", sublinha o *managing partner*, João Miranda. A sociedade conta com 82 advogados em Portugal, dos quais 12 são sócios, e uma faturação que cresceu 6% em 2015 (o crescimento a nível global foi de 1%) e 4% em 2016 (3,1% a nível global).

A Cuatrecasas aparece em segundo lugar na tabela, tendo faturado €265 milhões em 2015. Tem 26 escritórios em 12 países, 986 advogados e faturou €270 milhões a nível global em 2016. Com dois escritórios em Portugal (Lisboa e Porto) e 130 advogados, incluindo 28 sócios e 20 estagiários, "a firma tem mantido um percurso de sete anos consecutivos de crescimento", avança Maria João Ricou, *managing partner*. Para tal têm contribuído assessorias como as que prestou à Caixa-bank na OPA sobre o BPI, ao Banco de Portugal na resolução do Banif, a aquisição da Gascan pelo fundo espanhol de private equity Artá Capital, ou a privatização da CP Carga (adquirida pela MSC).

A Uría Menéndez, com uma faturação de €210 milhões em 2015, chama-se Uría Menéndez-Proença de Carvalho em Portugal, desde a fusão com a Proença de Carvalho & Associados, e tem 110 advogados e 19 sócios. "Os dois últimos anos foram extraordinários, com taxas de crescimento a ultrapassarem os 20%", destaca Duarte Garin, sócio diretor do escritório.

Entre as sociedades estrangeiras com atividade em Portugal destaca-se a Linklaters, que tem António Soares como *managing partner*. O processo do Novo Banco e da Fosun no BCP são dois exemplos de operações em que a firma participou. Com 45 advogados, incluindo sete sócios efetivos e cinco advogados seniores (a nível global são 2300 advogados e 470 sócios), a Linklaters Portugal tem também responsabilidade da África Lusófona do grupo, em Angola e Moçambique, com parceiros locais.

Já a CMS é uma das cinco maiores sociedades de advogados da Europa, com cerca de 9000 advogados e uma faturação de €1,4 mil milhões. Em Portugal, denomina-se CMS Rui Pena & Arnaut, e integra 92 advogados, dos quais 14 são sócios. "Temos mantido um crescimento constante desde 2006 e estamos no *ranking* das grandes operações em Portugal com empresas estrangeiras", sublinha José Luís Arnaut, *managing partner*. Entre elas, destacam-se as assessorias ao grupo francês Vinci na privatização da ANA e à britânica National Grid na privatização da REN, e, mais recentemente, a representação do contencioso contra o Banco de Portugal.

Há ainda outros tipos de sociedades que participam hoje no campeonato das grandes operações em Portugal, apesar de jogar numa liga abaixo em termos de faturação e dimensão. É o caso da Campos Ferreira, Sá Carneiro & Associados. Com 40 advogados, incluindo 11 sócios, "somos uma sociedade pequena e relativamente jovem (criada em 2009)", assume Bernardo Abreu Mota, sócio da área de Fusões e Aquisições. "Mas temos um rácio de um sócio para cada três advogados, o que significa que os sócios são bastante interventivos", afirma. Não revela as transações



AS TRÊS MAIORES Nuno Galvão Teles, *managing partner* da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados, José Miguel Júdice, fundador da PLMJ, e João Vieira de Almeida, *managing partner* da Vieira de Almeida & Associados, dão a cara pelas sociedades de advogados que mais faturam e advogados têm em Portugal. Porém, a concorrência está a aumentar...

nas quais intervêm mas já foi entretanto noticiado que esteve envolvida nos processos de capitalização da Caixa, na oferta pública de aquisição (OPA) do BPI e, ao que o Expresso apurou, também na compra do Novo Banco.

E depois do adeus?

Além deste tipo de sociedades, mais pequenas, que começam a ser chamadas a participar nas grandes operações, o sector tem assistido a outro género de transformações. Uma das mais marcantes aconteceu no verão de 2015, quando uma equipa de cerca de 30 advogados, incluindo seis sócios (entre eles o *ex-managing partner*, Rui Amendoira), saiu da então denominada Miranda Correia Amendoira & Associados (hoje Miranda & Associados) para integrar a Vieira de Almeida & Associados (VdA).

Passados quase dois anos, Diogo Xavier da Cunha, presidente do conselho de administração da Miranda & Associados, qualifica o impacto daquela saída em bloco como "relativamente modesto". No ano passado, a firma admitiu quatro sócios e conta agora com 19 sócios em Portugal.

O líder da Miranda reconhece que 2016 foi o ano em que mais se fez sentir a crise profunda que tem afetado alguns dos países cobertos pela Miranda Alliance (rede criada pela Miranda e que cobre 18 países) e, consequentemente, os seus clientes. Porém, adianta, "a diversificação da prática da sociedade, muito concentrada no sector do petróleo e gás, o alargamento da atividade a outros países, como a Costa do Marfim, bem como um crescimento muito satisfatório da nossa prática portuguesa", fizeram com que "os resultados de 2016 tenham ficado acima das nossas expectativas", remata.

Outra mudança de destaque no sector aconteceu já em março, com a integração da ABBC na DLA Piper (presente em mais de 40 países). "Foi um casamento feliz, porque já tínhamos uma relação há seis anos — éramos a firma preferencial da DLA Piper em Portugal", comenta António Moura Portugal, sócio da agora denominada DLA Piper ABBC. A ABBC tem 30 anos de atividade em Portugal, 60 advogados, incluindo nove sócios e estagiários. O crescimento da faturação tem sido acima dos 10% nos últimos dois anos, para o qual contribuíram grandes transações em que a sociedade esteve envolvida, como a compra da Fidelidade pela Fosun e, mais recentemente, assessorou a Lone Star na compra do Novo Banco.

Também no início deste ano, recorde-se, a Abreu Advogados integrou a Trocado, Durães, Rocha & Associados, reforçando a sua equipa com 25 advogados e um novo sócio. Mas ao longo de 2016, também viu sair alguns sócios. No sector em geral, assistiu-se a saídas de peso. Todos sócios. Diogo Perestrelo deixou de ser sócio na Cuatrecasas e passou para a PLMJ. Jorge Brito Pereira saiu da PLMJ e tornou-se sócio da Uría Menéndez. Jorge Gonçalves (ex-Linklaters) foi para a Garrigues, de onde saiu Miguel Marques dos Santos, para a VdA.

A maioria dos advogados contactada pelo Expresso, todavia, desvaloriza este tipo de rotatividade. Comenta que é um sinal de maturidade do mercado, de diversidade, de que as sociedades estão a saber renovar-se. "Deixou de haver filiações incondicionais e o mercado passou a ser mais competitivo e transparente", diz um deles.

MARGARIDA FIÚZA
mfiuza@imprensa.pt

RECEITAS DAS MAIORES SOCIEDADES DE ADVOGADOS IBÉRICAS COM ATIVIDADE EM PORTUGAL

Valores em milhões de euros

PORTUGUEAS	2014	2015	VAR. %
MLGTS	40	45	+13
PLMJ	36	39,2	+9
VdA	36,4	36,4	=
Abreu Advogados	24	22	+9
ESPAÑHOLAS*	2014	2015	VAR. %
Garrigues	335,6	339	+1
Cuatrecasas, Gonçalves Pereira	255,4	265,7	+4
Uría Menéndez	192,1	210	+9

* Valores globais (não só em Portugal)

FONTE: REVISTA "IBERIAN LAWYER", COM BASE EM DADOS DA "THE LAWYER EUROPEAN 100" E DAS PRINCIPAIS SOCIEDADES DE ADVOGADOS